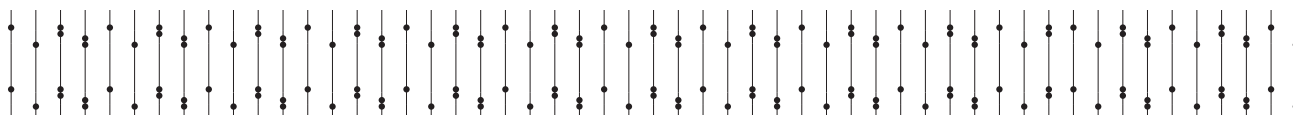




COLÓQUIO INTERNACIONAL NOVAS PERSPECTIVAS EM ETNOGRAFIA ECONÔMICA: MODALIDADES DE TROCA E DO CÁLCULO ECONÔMICO

16 e 17 de maio de 2011

National Museum, Rio de Janeiro



PROPOSTA GERAL

A sociologia e a antropologia econômica têm experimentado um renascimento significativo nos últimos anos. A divisão, há muito tempo admitida, entre as sociedades ocidentais, onde a esfera das atividades econômicas seria autônoma, e as sociedades tradicionais, onde ela seria indissociável das relações sociais, foi definitivamente abandonada. Por outro lado, as fronteiras entre a economia doméstica, economia de mercado e economia pública têm se deslocado: relações mutáveis entre os Estados e a economia, expansão do mercado, o acesso ao emprego para as mulheres, o prolongamento da expectativa de vida das pessoas com deficiências, a tomada de consciência mundial das questões ambientais em termos de patrimônio e dever moral, o aparecimento de uma nova divisão entre trabalho remunerado e trabalho não-remunerado no âmbito da economia digital, esses fenômenos têm levado a considerar as transformações (i.e. crise das economias mais poderosas, crescimento de países “emergentes”, entre outras) como um questionamento aos modos de pensar a economia na escala global.

O campo assim aberto é sem dúvida muito vasto. Propomos neste colóquio seguir três linhas de indagação:

a. A primeira é a de uma etnografia cognitiva, que consiste em descrever as diferentes modalidades de cálculo feitos por indivíduos e grupos sujeitos às transformações em curso. Quer se trate do crédito, do consumo, da riqueza,

do comércio, da produção de bens e serviços, como os indivíduos e coletivos contam suas receitas e despesas, suas “apostas” e seus ganhos ou perdas? como definem os “preços”? Quais são as cenas sociais em que é legítimo realizar estes cálculos abertamente, aquelas nas quais os cálculos efetuados devem permanecer ocultos, ou ainda aquelas onde a possibilidade mesmo de um cálculo é imoral? Como essas regras morais se transformam, como e a que se impõem? O uso do dinheiro como unidade de conta é uma das ferramentas cognitivas mais poderosas para o cálculo, porque é baseada em equivalências compartilhadas e porque permite operações aritméticas. O que ocorre quando uma moeda não pode mais ser usada para contar? Simetricamente, o que acontece quando uma moeda é usada somente para contar e não para pagar? Os números também permitem igualmente ordenar objetos materiais e imateriais, assim como estados do mundo. Em que condições a sua utilização é legítima? Os registros contábeis de todos os tipos estabilizam as pessoas morais e fixam o significado das atividades e das trocas. Quem os utiliza? Como seu uso se difunde? Quem são os especialistas que produzem o conjunto dessas ferramentas cognitivas, economistas, administradores, advogados, técnicos? Quais as relações entre essas ferramentas e os instrumentos ordinários de cálculo utilizados pelas pessoas para agir no dia a dia?

b. Abrangendo estas questões e para além das oposições clássicas da sócioantropologia da economia (substantivismo vs. formalismo, holismo vs. individualismo), pode-se questionar etnograficamente a ideia de cálculo propriamente dito. Que tipos de operações mentais e que ferramentas são mobilizadas para “calcular”? Quais são as categorias nativas que descrevem, em situações normais, aquilo que os especialistas chamam de “cálculo” (ou como receitas, despesas ou preços)? Quais são os benefícios e riscos da utilização de categorias descritivas como “calcular” para se compreender uma variedade de operações de uma constelação heterogênea como essa? E, finalmente, quais são as relações (diálogos, conflitos, reformulações) que uma crítica etnográfica do cálculo econômico pode ter com as agendas de pesquisa dos antropólogos, sociólogos, historiadores e, também, dos economistas?

c. A terceira linha consiste na abordagem comparativa. Variando os contextos sociais e históricos, o colóquio poderia permitir a construção de um programa de trabalho para a etnografia econômica sobre as transformações em curso no mundo contemporâneo: quais são as situações onde se observa o surgimento de novas formas de pensar sobre a articulação entre mercado, economia doméstica e economia pública? Como os novos equilíbrios de poder orientam as divisões entre o que deve ser preservado (o patrimônio, por exemplo), o que pode ser trocado nos mercados, e o que pode ser compartilhado?